

Curta-metragem “Páginas do Destino”

Amanda Pereira, Antônio Netto, Gabriela Barreto, Ilany Katharinny, Jefferson Lira

Jornalismo 2006.2

4º período

Departamento de Comunicação Social

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil, 59.140-720

jelyra@yahoo.com.br, mandapc@hotmail.com

Resumo

O curta-metragem “Páginas do Destino” foi escrito com base nas últimas novelas das oito da Rede Globo. Idealizamos o trabalho quando pagamos a disciplina de semiótica da comunicação, levando em consideração alguns conceitos como antítese, estereotipo, redundância e a metonímia. Foram observados detalhes presentes nessas tramas, como a insistência em mostrar um triângulo amoroso principal, a passagem de tempo, temas musicais marcantes e o infalível “quem matou?”. Para essa produção, que durou quatro semanas, foram necessários equipamentos como luz, câmeras, microfone e a disposição de tempo de atores que não receberam nada por isso. Em apenas um mês editamos as cenas e finalizamos a obra com duas chamadas e uma abertura.

Palavras-chave: Comunicação, Novela, Semiótica

Introdução

Nesse relatório, queremos mostrar como e porque foi realizado o curta-metragem “Páginas do Destino”. Faremos uma contextualização do gênero televisivo novela, dando enfoque ao estudo da semiótica. Falaremos das dificuldades técnicas para a pré-produção, produção e pós-produção e de que forma resolvemos. Nossa motivação maior foi o desejo de ver o trabalho pronto e a certeza de que somos capazes de produzir em meio a várias

impossibilidades, como a falta de tempo, equipamento e verbas. Esse trabalho é muito importante para nossa formação e significa uma grande oportunidade para mostrarmos nosso aprendizado dentro do curso de jornalismo.

Metodologia

O roteiro foi escrito baseado em cenas de novelas das oito da Rede Globo. Queríamos trabalhar com o formato das novelas e suas principais características. Como o roteiro original tinha 72 cenas, impossíveis de se encaixarem em um curta, tentamos diminuí-lo o máximo possível sem que perdesse coerência e emoção.

A etapa seguinte foi programar um roteiro de gravação. Os lugares que usaríamos, detalhes de produção, figurino, materiais necessários, disponibilidade dos envolvidos, enfim, tentamos nos organizar para facilitar o processo de gravação e não perder tempo.

As gravações da “novela” ocorreram ao longo de quatro finais de semana nos meses de outubro e novembro de 2007. Além dos cinco componentes do grupo, responsáveis por todos os detalhes da gravação, foram convidados amigos e familiares para atuar e ajudar no que fosse possível, desde o empréstimo de materiais e locações até a paciência de participar de uma filmagem amadora, correndo contra o tempo e feita por um grupo de estudantes perfeccionistas que não se cansavam de repetir cenas até que se aproximassem o máximo possível do que haviam imaginado.

Começamos gravando com uma câmera digital Sony D-8 (emprestada), uma câmera analógica Sony HI-8, um microfone “boom” (emprestado), um fone de ouvido conectado à câmera, uma luz de 3000W (também emprestada) e um isopor para ajudar na correção de iluminação. Apesar do inconveniente que é pedir materiais emprestados, depender de suas disponibilidades em um mesmo horário; que os atores necessários pudessem comparecer e os locais de gravação pudessem ser utilizados, tudo parecia sobre controle quando surgiu o nosso primeiro problema: não poderíamos usar a câmera analógica (um dos poucos materiais que nos pertencia) porque a qualidade de sua imagem era bem inferior à da câmera digital.

Tudo bem, gravaremos com uma só câmera. Para dificultar mais um pouco, a partir do segundo dia de gravação, não conseguimos mais o “boom” emprestado e tivemos que

prosseguir aproveitando o microfone embutido na câmera. Paciência, podia ser pior, afinal, já havíamos gravado as cenas externas em que ele era necessário.

Continuamos então na batalha contra o relógio e tentando conciliar os horários de todos os envolvidos com as locações e os materiais que precisávamos. Diversas vezes tínhamos pouco tempo para gravar cenas antes que o ator convidado tivesse que voltar ao trabalho, ou tivéssemos que liberar o local de gravação ou devolver algo emprestado.

Para fazermos a edição, fizemos uso de um computador com placa de captura e com um HD de 120 Gigas. Sem a mínima experiência, passamos um mês selecionando as cenas, todas elas com dois ou três ângulos, usando o programa Studio 9. Finalizamos a edição com o dois capítulos da novela, duas chamadas e uma abertura feita com imagens de Natal-RN. As dificuldades foram muitas e o trabalho cansativo, mas sobrevivemos e aprendemos.

Fundamentação

A idéia de fazer uma novela como um curta-metragem surgiu na disciplina de Semiótica da comunicação, quando observamos que muitos dos conceitos da semiologia estão presentes nos folhetins brasileiras, principalmente as do horário das oito.

A novela brasileira é conhecida em todo o mundo pela qualidade de suas produções e principalmente pelo folhetim que tem a capacidade de atrair milhões de telespectadores, o que desafia as emissoras a sempre darem o melhor nas próximas produções.

Podemos identificá-las pela sua enorme capacidade de reforçar informações. A todo tempo os personagens estão contando e recontando a história do folhetim, a fim de atrair e segurar os telespectadores que passam a assistir a novela pela metade. Semioticamente falando, isso se chama redundância, o grau de previsibilidade de uma mensagem, se opondo ao caos e potencializando uma informação. Infelizmente, no nosso curta-metragem, “Páginas do Destino”, tínhamos uma grande história para contar em poucos minutos, por isso, tivemos que fazer uns cortes e, as primeiras cenas a serem cortadas eram a redundantes.

Outro conceito que poderíamos observar nas novelas é a metonímia, que é a substituição de um signo por outro a fim de provocar transferências associativas de uma realidade a outra. Como exemplo, podemos observar a dor de cabeça que personagem

Helena sentia após a morte do doutor César. Houve uma enorme dificuldade de entender que a dor que ela sentia era pelo fato dela ter levado uma pancada do misterioso assassino e que essa dor a levaria a resolução da trama. Isso porque houve uma falta de redundância ao explicarmos essa dor, que foi comentada somente uma vez.

A antítese também está muito presente em produções como essa, pois esse procedimento parece normal à mente humana, levando o público a querer o que o autor da trama quer que ele queira, aprovar ou desaprovar umas ou outras atitudes. Sempre há um triângulo amoroso principal, em que há um casal mocinho e o vilão ou a vilã. No entanto, temos observado uma mudança gradativa nos personagens das novelas dos últimos anos. O que vemos agora é um mocinho que em algum momento da trama pode fazer algum mal a alguém, ou observamos um vilão que tem seus erros justificados, humanizados. Mas mesmo assim, sempre haverá o bem contra o mal nas novelas, mesmo que dessa forma. Em “Páginas do Destino” por exemplo, os vilões eram muitos, como César Toledo, Laura Albuquerque e depois Marta Toledo. Nas novelas temos observado essa divisão de maldade, algumas até existe o núcleo malvado, não se concentrando em apenas um personagem.

Em relação ao estereótipo, que é a imagem pré-concebida de algo, podemos observar que as novelas têm suas histórias baseadas em personagens fortes que, na maioria das vezes são construídos por estereótipos. Em “Páginas do Destino” mostramos bem isso. A personagem Laura, por exemplo, é um personagem muito estereotipado. Começando pelo próprio nome dado personagem, que também foi dado a outras, em novelas como “Rainha da Sucata”, interpretada por Glória Menezes; em “Por Amor”, interpretada por Viviane Pasmanter; e em Celebridade, interpretada por Cláudia Abreu. Todas elas eram más, ricas, loiras e tinham um principal objetivo: destruir a mocinha da história. Outro personagem marcante é Helena, nome dado a todas as protagonistas de novelas de Manuel Carlos, sempre é aquela que sofre muito até conquistar seu principal objetivo: o amor do mocinho. Muitas delas são ingênuas e excessivamente boas, o que não atrai tanto o público de hoje. Por isso vemos que há uma mudança na estrutura nos personagens principais. Eles não são tão mais ingênuos como antes.

Para a construção do roteiro foram necessários dois meses de pesquisas na Internet, desde opinião de críticos até os infinitos vídeos no “youtube” que deram margem para a

caracterização de muitas cenas. A cena em que a personagem Do Carmo, por exemplo, reencontra a filha numa loja, colocada em “Páginas do Destino” como flashback, foi copiada de outra novela, Senhora do Destino, em que a personagem de mesmo nome, interpretada por Suzana Vieira, reencontra a filha, a quem ela chama de Lindalva. Outra característica importante encontrada na Internet foi o investimento em personagens femininos. Em pesquisas que fiz constatei que quanto mais personagens femininas fortes houver no centro de uma trama do horário nobre, maior a chance de ela ter sucesso. Uma análise das últimas quinze novelas das oito exibidas pela Rede Globo demonstra que aquelas que tiveram muita repercussão foram, na maioria, protagonizada por mulheres. Em “Páginas do Destino” não foi diferente, havia cinco personagens femininos e cinco masculinos, entretanto, houve um destaque maior nas personagens de Laura, Helena e Marta, tanto que a resolução da trama se resumiu num acerto de contas entre as três, deixando de lado personagens fortes como o do protagonista Daniel.

Existem clichês presentes em todas as novelas das oito e, claro, não poderíamos deixar de colocar os principais em “Páginas do Destino”. O tema musical marcante é o segredo de qualquer trama das oito, pois tem a capacidade de prender o telespectador. Em nosso trabalho utilizamos muitos temas marcantes de outras novelas, como “A Miragem” tema de Helena e Daniel, que marcou os personagens Lucas e Jade na novela “O Clone”, de Glória Perez. Outra música marcante foi a tema de Do Carmo, “Cordeiro de Nana”, que esteve presente na novela “Senhora do Destino”. Usamos também “Samba de Verão”, de “Laços de Família”; “Você”, de “América”; e “Per Amore”, de “Por Amor”. Esses temas foram importantes para caracterizar os personagens, dando um ar satírico a nossa produção.

Outros clichês importantes que fizemos uso é a passagem de tempo, utilizada em excesso em “Páginas do Destino”, para facilitar o encurtamento da história; o vilão e o bordão, que serve para uma aceitação imediata do público e não surtiu muito efeito no formato curta-metragem, pois ninguém que assistiu observou que vez por outra a personagem Laura soltava o “era só o que me faltava”; a reviravolta prevista do protagonista. Todos sabem que o mocinho vai ser enganado pelo vilão, o que deixa o público ansioso pelo dia que o protagonista vai dar a volta por cima, que acontece num momento crucial da trama, alguns capítulos antes do fim, para dar mais intensidade a

maldade do vilão. Na nossa novela, isso acontece quando Laura e Ivan são desmascarados por Daniel e Helena acaba dando uma bofetada na loira malvada.

O que não poderia faltar em “Páginas do Destino” foi o “quem matou?”, o mais infalível de todos os clichês novelescos. O suspense dado ao mistério da morte de César foi o mesmo dado à morte de Taís, de “Paraíso Tropical”, Lineu, de “Celebridade”, Odeth Roitman, de “Vale Tudo”, aos assassinatos de “A Próxima Vítima”, e ao mistério de quem matou para roubar as empresas de Júlia, em “Belíssima”. Todos esses mistérios só foram solucionados no último capítulo, o que mantém o público atento até o final da trama.

Conclusão

Esperamos que tudo que observamos num intervalo de dois meses tenha servido para chegarmos onde queríamos: produzir um curta-metragem nos moldes de uma novela das oito da Rede Globo, com todas as suas características e peculiaridades.

Em qualquer gravação, imprevistos acontecem. Em gravações amadoras então, eles acontecem a cada instante. Por isso, paciência e criatividade nos foram imprescindíveis para concluirmos o trabalho. Nosso grande inimigo foi o tempo: o prazo da entrega do trabalho, o tempo da produção, gravação e edição e principalmente, encaixar o enredo de uma novela das oito no tempo de um curta-metragem.

Não há nada melhor do que fazer o que dá prazer, mesmo que complicações apareçam ao longo do trabalho. O alívio e a alegria de ver nosso vídeo pronto e como queríamos, compensa qualquer estresse, tensão e noite mal dormida. Desde as discussões sobre o roteiro até a edição do vídeo, nosso objetivo era que esse não fosse apenas um trabalho para passarmos na disciplina da universidade, queríamos dar o nosso melhor para que pudéssemos apresentá-lo sem receios para quem se interessasse. E no fim, é muito bom poder dizer que sem sombra de dúvidas, valeu à pena.

Bibliografia

GOMES, Gilberto Gomes. Tópicos de Teoria da Comunicação. São Leopoldo (RS): **Editora Unisinos**, 1997. p. 34 – 57.

<http://topismos.blogspot.com/2007/10/top-10-clichs-para-uma-novela-das-8-de.html>

http://veja.abril.com.br/301105/p_154.html

<http://br.youtube.com/watch?v=BCYw7WsVxtM>

<http://br.youtube.com/watch?v=BOjvX2JWbTY>